
As percepções sobre Agricultura Orgânica Dos horticultores e consumidores urbanos em Gana

George Danso - iwmi-ghana@cgiar.org - bolsista da AGROPOLIS
Kwame Nkrumah University of Science and Technology (KNUST)
e International Water Management Institute (IWMI), Kumasi, Gana

Pay Drechsel

IWMI, UPA Group, Kumasi, Gana

Simon C. Fialor

KNUST, Kumasi, Gana

Fotografia: Evelyn F. Boadi - manuseio perigoso de pesticidas

Um fenômeno característico da Agricultura Urbana é a preferência pela produção de alimentos perecíveis,



principalmente hortaliças. Em Kumasi, Gana, 90% de todas as alfaces e cebolas de primavera, e cerca de 75% do leite fresco consumido pela população são produzidos na própria cidade (Cofie e outros, 2001). Em outras cidades da África subsaariana também são relatadas contribuições igualmente elevadas da agricultura urbana (Armar-Kelemsu, 2000). Os vegetais de consumo doméstico são cultivados geralmente nos quintais, porém a produção comercial é cultivada nas zonas baixas no centro da cidade, perto dos riachos e das valas de águas servidas, ou nas áreas periurbanas. Esses sistemas de exploração agrícola encontram-se entre os mais intensivos, tanto em matéria de insumos como de rendimento, de toda a África subsaariana.

De oito a onze colheitas de alfaces e cebolas, alternadas com três colheitas de couve, tudo isso em apenas um ano, são resultados comuns para um agricultor urbano de Kumasi. Para manter esse elevado nível de produção em solos urbanos, geralmente marginais, é necessário ter acesso à água inclusive na estação seca, e a grandes quantidades de sementes, fertilizantes e agrotóxicos. Um crescente interesse, da parte dos cientistas, sobre os possíveis perigos dessas práticas para a saúde dos consumidores e dos produtores urbanos (Birley e Lock, 1999; Mensah e outros, 2001) vem traçando o caminho para uma série de avaliações locais dos riscos existentes e estimulando a adoção das alternativas orgânicas na agricultura.

A Rede de Agricultura Orgânica de Gana (GOAN), por exemplo, apóia ativamente os métodos de produção biológica, especialmente o Manejo Integrado de Pragas (MIP) e o uso de composto para fertilizar os solos. Outras organizações, como o Instituto Internacional de Manejo da Água (International Water Management Institute - IWMI), começaram a buscar opções para reduzir os riscos de contaminação também fora das hortas, ou seja, nos mercados e nos lares, importantes focos de poluição dos alimentos consumidos *in natura*.

Por que se avançou tão pouco?

A produção urbana de vegetais é um negócio altamente orientado para o mercado, que enfrenta riscos de flutuação de rendimentos dependentes da disponibilidade de insumos, do ritmo exato para satisfazer de modo otimizado a relação oferta/procura, e do acesso aos melhores canais de comercialização. Os agricultores precisam ser flexíveis e inovadores, porém ao mesmo tempo não podem descuidar da sua margem de lucro. Muitas vezes acontece que não conseguem alcançar o ponto de equilíbrio e acabam fora do negócio.

Com respeito às inovações, é provável que os agricultores só as adotem, modificando seu sistema de produção, quando elas promoverem maior retorno a partir da mesma quantidade de terra e de mão-de-obra (Ruben, 2001). Em sistemas de produção voltados para a comercialização e que requerem mais mão-de-obra, como os cultivos urbanos que exijam rega diária, é decisivo que o aumento da renda propiciada seja maior que a obtida em outras atividades. Como os agricultores urbanos gastam muito tempo regando seus campos com regadores (de 600 a 1600 litros / m² / ano), qualquer oportunidade para alugar ou comprar bombas e redes de irrigação é sempre muito apreciada. Outra atividade que demanda muita mão-de-obra é a produção de composto a partir dos resíduos agrícolas e domésticos, porém a alternativa aqui é o uso de adubos químicos, dilema enfrentado pelos agricultores que trabalham com o GOAN.

A consciência dos riscos para a saúde, por outro lado, é muito pouca e não parece ser um fator capaz de levar à mudança das práticas. Um exemplo disso é a produção de tomate em Akumadan, Gana, com elevada aplicação de praguicidas e evidentes impactos sobre a saúde – pelo menos dos agricultores, que se queixam de dores-de-cabeça e impotência (Mensah e outros, 2001). Os agricultores se expõem aos venenos não apenas por não usarem roupas adequadas e equipamentos de proteção, mas também ao abrirem as embalagens dos produtos tóxicos com usando a boca (ver foto) ou ao avaliarem se a mistura de pesticidas que fizeram está correta, metendo-lhe o dedo e o levando até a língua.

Na zona onde o estudo foi realizado, as campanhas promovendo o MIP foram acompanhadas por pesquisas que revelaram que os produtores de tomate que usam praguicidas biológicos podem obter resultados semelhantes aos dos que usam praguicidas químicos (Appiah, 2001). Entretanto o MIP reduziu o retorno por mão-de-obra e os tomates produzidos organicamente pareciam menos bonitos, não alcançando o padrão de qualidade máxima, o mais valioso, alcançável com os tomates convencionais. Isso não deveria ser grande problema em Gana, pois lá os tomates são usados principalmente para fazer molhos e recheios. Na vizinha Costa do Marfim, onde os tomates são usados principalmente em saladas, o fator “beleza” é provavelmente ainda mais crucial.

Essa combinação de baixa consciência dos problemas, conjugada com insignificantes benefícios econômicos e agravada por uma impressão (indevida) de maiores riscos de fracasso, tem sido suficiente para que os agricultores resistam a mudar suas práticas convencionais para as práticas biológicas.

Por outro lado, como foi dito mais acima, todos os agricultores entrevistados em Kumasi, Accra e Tamale demonstraram alto grau de flexibilidade, típica dos agricultores urbanos, e de adaptabilidade às mudanças nas demandas e nos preços praticados nos mercados (especialmente quanto à escolha dos cultivos). Essas características podem abrir as portas para a agricultura orgânica e também dar oportunidade para o desenvolvimento dos mercados de insumos e produtos orgânicos.

Quando os estrangeiros que vivem em Kumasi expressaram seu interesse de consumir produtos cultivados organicamente, sem o uso de pesticidas, alguns

agricultores urbanos rapidamente ocuparam esse nicho. O incentivo foi o aumento na renda. Porém essa situação continua sendo uma exceção. Enquanto não houver um reconhecimento em grande escala dos produtos orgânicos e uma demanda efetiva e constante por parte dos consumidores, os produtores que se dedicarem a mudar suas práticas correm o sério risco de se frustrarem.

O ponto de vista dos consumidores

Balamatti (2000), que realizou uma série de entrevistas entre os consumidores de Kumasi, relatou que mais de 70% deles tinham uma percepção positiva dos produtos orgânicos, ainda que a maioria não estivesse consciente de que havia tal alternativa. Para esclarecer mais o assunto, ele foi abordado nas entrevistas nos lares que o IWMI realizou em diferentes cidades de Gana, evitando porém as questões com múltiplas escolhas e qualquer viés com relação às vantagens ou desvantagens dos praguicidas e dos fertilizantes químicos, ou com relação ao aspecto diferente dos produtos quanto ao tamanho ou casca (ver Tabela 1).

Tabela 1. Pesquisa domiciliar sobre a disposição dos consumidores para pagar mais ou menos por tomates cultivados sem o uso de agrotóxicos (fonte: IWMI, inédita).

Disposição para pagar	Accra (n=994)	Kumasi (n=838)	Tamale (n=465)	Pagar mais/menos (em média)
Pagar mais	48 %	56 %	52 %	+ 80 a 82 %
Pagar menos	41 %	36 %	42 %	- 43 a 50 %
Sem opinião	11 %	08 %	06 %	

Os resultados indicam um baixo grau de consciência e consistência. Cerca de 50% dos lares urbanos estavam dispostos a pagar em média 80% a mais pelos tomates orgânicos. Cerca de 10% se mostraram indiferentes, e 40% acreditavam que pagar 50% a menos seria o mais justo. Nenhum dos três grupos se destacou de modo significativo quanto aos aspectos de educação ou renda (IWMI, inédita).

As razões para querer pagar menos foram, por exemplo, que não era lógico pagar-se mais por produtos que não exigiram insumos custosos, nem têm uma aparência particularmente atraente. Os consumidores que participaram de outra pesquisa também revelaram que não confiavam nem nos produtores nem nos comerciantes que apregoavam vender produtos orgânicos e não contaminados (Nurah, 2001). Além disso, embora a produção orgânica possa reduzir os riscos para a saúde vinculados à produção agrícola, Maxwell e outros (1999) insistem em destacar o potencial de contaminação pós-colheita, pela manipulação dos alimentos nos mercados, como outra fonte importante de perigos para a saúde. Um exemplo dessa contaminação é quando se refrescam as hortaliças no mercado usando-se água contaminada, ou se usa o mesmo balde de água para deixar de molho produtos tratados com pesticidas junto a outros cultivados organicamente.

Pontos de intervenção

Como as estratégias de agricultura orgânica aplicadas até agora em Gana não parecem ser economicamente interessantes, os novos projetos têm primeiramente que focalizar no consumidor para aumentar a demanda do mercado por produtos orgânicos. Pode-se trabalhar na conscientização, apoiada por campanhas de etiquetagem e educação/informação (por exemplo, nos próprios postos que vendem produtos orgânicos) e por mensagens nos meios eletrônicos, especialmente nas estações locais de rádio e televisão, para chegar até as famílias. Seminários podem ser organizados para alcançar os grupos comunitários e as associações de consumidores.

Em segundo lugar, os comerciantes dos mercados (na maioria mulheres, em nossa área de estudo) devem receber capacitação para a manipulação segura dos alimentos, para evitar sua contaminação pós-colheita. Entretanto, para isso é necessário contar-se com instalações melhores nos mercados – especialmente com acesso a água limpa e saneamento.

Finalmente, foi observada uma significativa baixa consciência e/ou ignorância dos perigos para a saúde relacionados com os pesticidas, especialmente entre os produtores periurbanos de tomates em Gana, apesar de uma série de sintomas de envenenamento agudo e crônico (IWMI, inédita). Isso também exigirá maior atenção, mesmo que a consequência seja uma manipulação mais segura dos praguicidas, e não sua redução ou o aumento da produção orgânica de alimentos. Os subsídios para os praguicidas orgânicos, e - mais importante ainda - sua disponibilidade confiável durante todo o ano, podem facilitar sua adoção pelos produtores urbanos.

Foi elaborado recentemente um marco de trabalho para uma "Política de Proteção de Colheitas em Gana" que enfatiza a redução dos riscos para a saúde e para o meio ambiente (Gerken e outros, 2001).

Conclusões

A limitação mais importante para a agricultura orgânica parece ser a falta de educação ou de consciência por parte dos consumidores sobre os riscos para a saúde associados com os praguicidas, e a resultante baixa demanda no mercado. Também a falta de incentivos econômicos para os agricultores não os estimula a mudarem suas práticas.. Entretanto, a pergunta principal não é apenas se os consumidores africanos podem perceber as vantagens da produção orgânica, mas também se eles podem dar-lhes prioridade na difícil situação sócio-econômica em que se encontram – pobreza, fome e outros riscos mais óbvios para sua saúde e para o meio ambiente onde vivem, tais como a falta de água ou de água segura, ou as epidemias de malária ou cólera.

Nota

1. Até hoje os tomates em Gana apresentam níveis de poluição por Lindane que chegam a 500-1000 ppm, enquanto que o nível seguro (sem efeitos) é de apenas 25 ppm (IWMI, inédito).

Referências

- Appiah J. 2001. Comparative financial cost benefit analysis of organic and inorganic methods of tomato production. A case study of the Akumadan area of the Offinso District. Unpublished B.Sc. thesis, Kumasi, Ghana: Department of Agricultural Economics, KNUST.
- Armar-Klimesu M. 2000. Urban agriculture and food security, nutrition and health. In: Baker N et al. (eds), Growing Cities, Growing Food: Urban Agriculture on the Policy Agenda (Feldafing, Germany: DSE), pp 99-113.
- Balamatti AM. 2000. Marketing of organic foods in Ghana: Perspectives and constraints of Ghana Organic Agriculture Network (GOAN). Unpublished M.Sc. thesis. Flensburg, Germany: International institute of Management, University of Flensburg.
- Birley M and Lock K. 1999. The health impacts of Peri-urban Natural Resource Development. London, UK: Liverpool School of Tropical Medicine.
- Cofie OO, P Drechsel, P Amoah, G Danso and L Gyiele. 2001. Improving rural-urban nutrient flows through urban and peri-urban agriculture. Paper prepared for the conference "Rural-Urban Encounters: Managing the Environment of the Peri-urban Interface", held at the Development Planning Unit, University College, London, 9-10 November. Proceedings forthcoming.
- Gerken A, JV Suglo and M Braun. 2001. Crop protection policy in Ghana. Accra, Ghana: GTZ

Integrated Crop Protection

- Project. Maxwell D, M Armar-Klemesu and C Levin. 1998. The impact of urban agriculture on food security and nutrition. In: Armar-Klemesu M and Maxwell D (eds), Urban agriculture in the Greater Accra Metropolitan Area: Report to IDRC (Ottawa: IDRC).
- Mensah E, P Amoah, RC Abaidoo and P Drechsel. 2001. Environmental concerns of (peri-)urban vegetable production - Case studies from Kumasi and Accra. In: Drechsel P and Kunze D (eds), Waste Composting for Urban and Peri-urban Agriculture - Closing the rural-urban nutrient cycle in sub-Saharan Africa (Wallingford: IWMI/FAO/CABI), pp 55-68
- Nurah GK. 2001. Quality labelling and marketing of organic vegetables in Brong-Ahafo and Ashanti regions of Ghana. Final draft report to Ghanaian-German project for integrated crop protection (ICP), Plant Protection and Regulatory Services Directorate (PPSRD), German Technical Cooperation (GTZ).
- Ruben R. 2001. Economic conditions for sustainable agriculture. A new role for the market and the state. LEISA Magazine 17(3): 52-53.